

**Uma reflexão sobre a acção jornalística em televisão.
O caso específico da RTP Porto**

Carolina Peixoto Lopes de Figueiredo

Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo

Setembro de 2011

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos
necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo
realizado sob a orientação científica do Mestre Pedro Coelho,
Assistente Convidado do Departamento de Ciências da Comunicação
da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

*Aos meus pais,
que tornam tudo possível*

*A ti,
que fazes o longe parecer perto*

AGRADECIMENTOS

Por ter tido a oportunidade de viver os momentos que este relatório vem imortalizar, não posso deixar de dirigir uma palavra de agradecimento a todos quantos os que me fizeram escrever as páginas seguintes com um sorriso de satisfação e a esperança de um dia os reencontrar.

Relembro os primeiros dias e tenho um grande obrigada pronto a dizer ao jornalista João Fernando Ramos. Um obrigada com a mesma alegria com que o meu orientador me abriu as portas daquele novo mundo. Pela simpatia, pela oportunidade e por toda a atenção dedicada, mesmo quando o tempo se lhe escapava entre os dedos. Mais do que pela orientação, pela amizade.

Podia talvez mencionar o nome de cada um dos jornalistas, repórteres de imagem e editores com quem viajei por aquele novo mundo. A redacção é relativamente pequena, a lista é reduzida. Mas tal obrigar-me-ia porventura a nomear também alguns dos momentos mais marcantes que lá vivi, e isso seria já tarefa inglória. A todos com quem privei e com quem aprendi que o trabalho e um sorriso formam uma equipa vencedora.

Fica guardada também a recepção com que me honrou o sub-director de informação da RTP, Luís Costa. Que importante foi sentir-me “a estagiária”, ao invés de uma estagiária.

Por último, não será demais repetir o mesmo obrigada com que fiz questão de me despedir do Professor e Mestre Pedro Coelho a cada novo contacto em prol deste relatório. Reservo-lhe o último obrigada, na medida em que contei com a sua preciosa orientação nesta tarefa última do estágio – a de o compilar num detalhado documento académico. Este é um obrigada que carrega, por isso, a importância de cada carácter que percorre as páginas seguintes.

RESUMO

ABSTRACT

UMA REFLEXÃO SOBRE A ACÇÃO JORNALÍSTICA EM TELEVISÃO. O CASO ESPECÍFICO DA RTP PORTO

A REFLECTION ON THE JOURNALISTIC ACTION IN TELEVISION. THE SPECIFIC CASE OF RTP PORTO

Carolina Peixoto Lopes de Figueiredo

PALAVRAS-CHAVE: RTP, redacção, reportagem, práticas jornalísticas

KEYWORDS: RTP, editorial office, reportage, journalistic practices

Este relatório tem por objecto o estágio curricular de três meses por mim realizado na RTP Porto. O relato segue uma linha cronológica e, como tal, remete para dois momentos que se sucederam no tempo. Os trabalhos de redacção e de reportagem que comecei por acompanhar servem-me de ponto de partida para uma análise crítica de certas práticas jornalísticas que me suscitaram alguma reflexão. Numa fase seguinte, procuro traçar uma perspectiva sobre as tarefas que eu própria levei a cabo, num capítulo que pretende fechar um ciclo de aprendizagem académica.

This report focuses on my three month curricular traineeship in Journalism at RTP Porto. It follows a timeline which refers to my evolution in a chronological order. Firstly, its aims are both to give an account of the work I observed, as well as to reflect about some journalistic practices in a critical way. In a second moment, I analyze in detail each single task I had the opportunity of carrying out, in a chapter which intends to close an academic learning cycle.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I: A instituição de acolhimento	3
I. 1. Caracterização da RTP Porto	3
I. 2. A chegada	6
Capítulo II: A natureza dos trabalhos que acompanhei	8
II. 1. Experiência no Internacional	8
II. 2. Saídas em reportagem.....	11
2.1. O papel ocupado pela televisão no panorama mediático.	11
2.2. A acção jornalística: um trabalho de equipa.....	16
2.3. A contextualização das notícias: o <i>sense making</i>	22
2.4. O jornalista e as fontes.	25
2.5. A missão do jornalista.	28
Capítulo III: A natureza dos trabalhos que desenvolvi.....	31
III. 1. <i>Vox Pop</i>	32
III. 2. As minhas peças.	34
III. 3. Vivo e directo	37
III. 4. Entrevista para o Jornal da Tarde.....	38
III. 5. O meu jornal televisivo	39
Conclusão.....	41
Bibliografia	44
Webgrafia	46
Glossário	47
Anexos	i

INTRODUÇÃO

O presente relatório surge na sequência do estágio curricular, realizado no âmbito da componente não lectiva do Mestrado Profissionalizante em jornalismo, seguindo a vertente *estágio com relatório*. O estágio decorreu entre Setembro e Dezembro de 2010, na RTP Porto.

Os três capítulos deste relatório estão estruturados de forma a dar resposta a dois objectivos primordiais: a descrição das actividades que desenvolvemos e a aplicação dos conhecimentos teóricos e práticos, adquiridos na fase curricular do Mestrado.

No primeiro capítulo é caracterizado o departamento de informação da RTP Porto e identificado o posicionamento da delegação no contexto mais vasto da Direcção de Informação do canal público.

No segundo capítulo reflectimos sobre a modalidade da acção jornalística reservada aos estagiários da RTP, centrada, exclusivamente, na observação, e – em função dessa reflexão – apresentamos algumas das conclusões a que chegámos.

O quotidiano vivido na RTP Porto suscitou-nos interrogações de vária ordem, relativas ao poder da televisão na era do *online*. A este propósito, discorremos sobre o impacto que a televisão exerce sobre os cidadãos, mesmo num momento em que o acesso aos *media* se encontra massificado. Realçamos, igualmente, a forma como o jornalista interage sobre a realidade: por um lado tentando atenuar o efeito da câmara de televisão, por outro, reflectindo sobre o papel que deve desempenhar junto do público, no sentido de conferir identidade à sua acção, de forma a distanciá-la das outras formas de comunicação que circulam na rede.

A missão do jornalista é, de resto, um aspecto que merece especial destaque ao longo de todo o relatório. Partindo de situações testemunhadas durante o estágio, procuramos demonstrar de que forma a interacção profissional entre jornalista, repórter de imagem e editor de imagem, enquanto equipa de trabalho, pode influenciar o resultado final da peça jornalística. Identificamos, a este respeito, dinâmicas da RTP Porto, que julgamos conferirem uma identidade específica àquela redacção.

Reservamos um espaço à reflexão sobre a matéria-prima, a essência, do jornalismo – as notícias. Caracterizamos a importância que a informação desempenha na sociedade, explorando os desafios que se colocam ao jornalista do futuro. Assumindo, como ponto de partida, a prática vivenciada no estágio, questionamos se, na redacção da RTP Porto, o propósito de servir os cidadãos é, realmente, encarado como uma prioridade, acima de quaisquer outros interesses.

No final do segundo capítulo, abordamos também os interesses expressos na relação entre jornalistas e fontes. Neste domínio, realçamos a tensão instalada na acção jornalística entre o dever ético dos jornalistas e os imperativos económicos que estruturam uma organização mediática.

O terceiro capítulo do relatório caracteriza a experiência profissional vivenciada no decurso do estágio (as entrevistas de rua, uma entrevista feita na redacção, o directo, as peças elaboradas a partir de conteúdos recolhidos por jornalistas da estrutura, e a concretização de um jornal televisivo), registando o efeito que as acções, que dela decorrem, tiveram no processo de aprendizagem.

Do presente relatório de estágio faz parte integrante um conjunto de anexos, em suporte digital, que são referenciados no corpo do texto, e que pretendem ilustrar as actividades desenvolvidas no estágio.

CAPÍTULO I

A INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO

I. 1. Caracterização da RTP Porto

*“E é já a caminho do fim do ano (20 de Outubro de 1959)
que se inauguram as instalações da RTP em Vila Nova de Gaia.”¹*

A RTP Porto, entidade onde realizei o meu estágio curricular, completou 51 anos. Sinal dos tempos e das necessidades, “os estúdios do Monte da Virgem têm hoje muito pouco a ver com a ideia original e que esteve, também muito, na origem do escasso aproveitamento que se lhes deu durante anos” (Teves, 2007: 9). Com meio século de emissões, a RTP Porto é hoje tida no meio audiovisual como uma mini televisão, com o seu espaço bem determinado na programação dos canais do grupo RTP a conferir-lhe um reconhecido grau de autonomia.

Numa das paredes do edifício, um quadro exibe um antigo carro de exteriores amarelo – o único com que a RTP do Monte da Virgem contava na sua estreia. A imagem é bem ilustrativa da dimensão que a delegação assume actualmente dentro do grupo RTP: hoje, o parque automóvel da redacção é composto por quinze carros de reportagem e dois de directos.

Entre jornalistas, repórteres de imagem, editores, técnicos de áudio, de grafismo², de iluminação, infografistas³, técnicos de informática, operadores de câmara e realizadores, até à equipa de caracterização, são cerca de uma centena os funcionários que trabalham, exclusivamente, no departamento de informação da RTP Porto. No

¹ Teves, Vasco Hogan, 2007: 9, *RTP 50 anos de história*, in www.rtp.pt.

² Profissionais criativos responsáveis pela concepção de gráficos e infografias que integram as peças jornalísticas, bem como pela criação de genéricos e fichas técnicas nas reportagens mais alargadas.

³ Profissionais a quem compete a inserção de frases, títulos, nomes dos protagonistas e respectivas funções desempenhadas nas peças jornalísticas dos jornais informativos. As inscrições, vulgarmente denominadas *oráculos*, são originalmente criadas pelos jornalistas autores das peças e posteriormente colocadas, sob a orientação do realizador, pelos técnicos insersores de caracteres.

plano directamente ligado à redacção, trinta e seis jornalistas, catorze repórteres de imagem e nove editores de imagem compõem o painel dos profissionais que, diariamente, chegam de uma forma mais próxima ao telespectador.

O Jornal da Tarde apresenta-se como o produto âncora da informação da RTP Porto. É invariavelmente coordenado e emitido a partir dos estúdios do Monte da Virgem e é um produto líder de audiências desde há oito anos⁴. O sucesso do Jornal da Tarde deve-se, em grande parte, a hábitos de consumo enraizados de um público que lhe é fiel e que, por isso, se demonstra avesso a mudanças de canal. Fazer chegar ao pequeno ecrã conteúdos com que os telespectadores se identifiquem é, portanto, uma prioridade constante, pelo que o grosso do trabalho na redacção se desenvolve em prol daquele espaço informativo.

Os responsáveis pelo Jornal da Tarde apresentam ainda o factor novidade como outra das chaves do êxito do bloco noticioso. Assim, canalizam-se recursos humanos e orientam-se esforços para que o alinhamento diário do Jornal da Tarde se alimente de novos conteúdos, ângulos e abordagens, e de reportagens que não tenham ido para o ar em qualquer outro contexto – nem mesmo nos jornais de hora a hora que o antecedem no canal noticioso da estação pública, emitido em sinal restrito, a RTPN.

A manhã informativa da RTPN é coordenada, diariamente, a partir do Monte da Virgem desde as 10 às 13 horas. A restante programação do dia alterna em intervalos de tempo entre Lisboa e Porto: enquanto se realiza o Jornal da Tarde da RTP, no Monte da Virgem, a emissão do canal temático fica sob a responsabilidade da sede lisboeta, e assim permanece até às 15 horas; os blocos informativos seguintes são coordenados e apresentados do Porto, findos os quais a emissão regressa a Lisboa, às 20 horas. O horário nobre é, pois, repartido entre as duas delegações, assim como o são as madrugadas informativas do canal, cujas emissões alternam, semanalmente, entre Lisboa e o Porto.

Tal dinâmica bipartida das emissões exige uma comunicação eficaz e uma concertação de estratégias rigorosa entre os centros emissores e cada uma das delegações. A coordenação entre Lisboa e Porto estabelece-se, permanentemente, num sentido bidireccional, entre os editores de cada uma das redacções, com o editor

⁴ Segundo dados da Marktest, o Jornal da Tarde registou uma audiência média de 7,7% em 2010.

executivo de informação da RTP⁵ a dinamizar essa ponte a partir de Lisboa. O contacto mantido entre os membros da direcção de informação é, igualmente, preponderante para a harmonia dos conteúdos produzidos pela sede lisboeta e pela delegação do Porto. A redacção do Monte da Virgem é dirigida por um dos quatro sub-directores de informação da RTP.

A RTP Porto é uma chave fundamental da mecânica da empresa Rádio e Televisão de Portugal, que opera desde a sua fundação como a concessionária do serviço público de televisão portuguesa. O estágio abriu-me o acesso ao campo profissional, numa instituição centenária, com longas páginas escritas na história do jornalismo nacional.

Integrei o quotidiano do Monte da Virgem entre Setembro e Dezembro de 2011. No cenário privilegiado da RTP Porto observei, aprendi e analisei; esse exercício reforçou as minhas aspirações de também eu, um dia, poder ocupar um lugar na cena jornalística.

⁵ Profissional que estabelece uma ponte de comunicação entre a direcção e as redacções, responsável por aplicar à redacção as decisões da chefia.

I.2. A chegada

O estágio proporcionou-me, desde logo, o meu primeiro contacto com uma redacção, algo que, por mais que as escolas de jornalismo descrevam e tentem simular, dificilmente conseguirão reproduzir. Por isso, entrei na redacção televisiva com o espírito de uma espectadora atenta.

- Nos meandros da redacção

No primeiro contacto com uma realidade laboral, antes de aprender técnicas ou práticas jornalísticas, procurei inteirar-me das dinâmicas que dominam uma redacção nas suas mais variadas dimensões: a da estrutura hierárquica, a da coordenação técnica e operacional de meios, a dos espaços físicos e até a das relações humanas, que, percebi, não podem ser menosprezadas.

Ainda recém-chegada, foi-me imediatamente apresentado o principal produto informativo da RTP Porto – o Jornal da Tarde. Assisti à emissão do espaço noticioso *in loco*, no estúdio, e conheci-lhe a face invisível, a *régie*⁶.

Enquanto percorria os espaços físicos que, nos três meses seguintes, seriam o meu local de trabalho, conheci o meu orientador na instituição de acolhimento. O jornalista João Fernando Ramos trabalha na RTP há 22 anos e exerce, actualmente, as funções de coordenador de informação do canal.

- O primeiro contacto com o papel de estagiária

Uma das primeiras indicações que recebi do orientador referia-se à natureza do percurso que eu iria efectuar nos três meses seguintes. A RTP segue uma política particular de estágios que determina que a formação do estagiário se processe através da

⁶ Centro de controlo de programas emitidos em directo ou gravados em tempo real. A *régie* é coordenada por um realizador, que tem a seu cargo a disposição das câmaras no estúdio de emissão ou gravação, bem como a responsabilidade directa pela definição dos enquadramentos dos planos. Todas as funções da *régie* dependem directamente do realizador, ainda que o grau de especificidade de algumas delas (operadores de áudio, controlo de imagem, grafismo, técnicos de informática) dote os protagonistas com um elevado grau de autonomia.

observação do trabalho dos jornalistas seniores. O estagiário pode usar os materiais recolhidos pelos profissionais que acompanhou, trabalhando-os, depois, no decurso do processo de aprendizagem.

Na prática, tal significa que ao estagiário cabe a tarefa de seguir todos os passos que o jornalista que acompanha dá, até chegar ao produto final – a peça jornalística – com o intuito de observar e analisar procedimentos e de, a partir daí, montar a própria peça, que não poderá alguma vez ser emitida. Ao estagiário da RTP está vedado o acesso a qualquer tarefa que implique dar voz ou imagem a uma qualquer reportagem, ou sequer a execução de qualquer trabalho de fundo, que possa servir de base aos jornalistas da empresa.

Outra advertência não menos importante que recebi do jornalista João Fernando Ramos foi a de que iria contactar com profissionais com as mais diversas disposições, com os mais distintos temperamentos pessoais, e que tal experiência constituiria, também, parte necessária da aprendizagem a retirar do estágio. Nesse sentido, tomei a iniciativa de diversificar o mais possível tanto as editorias em que me integrava, como os jornalistas que acompanhava, além dos diferentes turnos horários, que se traduziam num contacto com os vários blocos informativos da estação.

A alternância parecia estar facilitada, de resto, face à condição que percebi esperar-me: eu era, à data, a única estagiária ao serviço da informação da RTP. A posição ímpar de que usufruía dentro da empresa e da delegação do Porto, em particular, poderia à partida traduzir-se na oportunidade de requerer uma atenção que, de outro modo, se revelaria desproporcionada. À luz de outra perspectiva, essa aparente posição de vantagem de que partia poderia acarretar, pelo contrário, o peso da solidão, dificuldades de integração ou, simplesmente, pôr-me perante a frustração de não poder comparar a minha evolução com colegas, cujo nível se equiparasse ao meu.

Foi assim, perante um quadro de muitas expectativas, que iniciei trabalhos, num estágio que teve a *observação* por palavra de ordem.

CAPÍTULO II

A NATUREZA DOS TRABALHOS QUE ACOMPANHEI

II.1. Experiência no Internacional

Dei os primeiros passos na RTP dentro de uma editoria muito particular: a de Internacional. Se esta se revelou a ideal para me ambientar com o *software* de edição com que a empresa funciona – o *sQ Cut* – ela veio, por outro lado, intensificar-me a ansiedade em envolver-me numa maior interacção jornalística.

O trabalho no Internacional vive de uma rotina muito fechada, quando comparado com o de outras editorias, sendo quase exclusivamente determinado pelas agências noticiosas. Estas são parte fulcral do processo diário de elaboração de peças sobre a actualidade mundial, na medida em que fazem a ponte entre os jornalistas e as fontes, transformando-se, elas próprias, em fontes de informação.

Várias vezes por dia, os jornalistas responsáveis pelo Internacional fazem uma ronda pelo que escrevem e mostram as agências internacionais e os jornais *online* para que, feita uma primeira triagem, possam apresentar as suas propostas aos responsáveis pela coordenação do jornal. A última palavra, sobre o que será notícia, caberá sempre ao coordenador do Jornal da Tarde, sendo que ao jornalista televisivo compete apurar também a boa relação que há entre o conteúdo noticioso e a qualidade das imagens, factor determinante em televisão.

No Internacional reconheci, pois, de imediato, o ensinamento que, desde sempre, me havia sido transmitido por professores de jornalismo televisivo: o de que, em televisão, sem imagens bem ilustrativas, dificilmente haverá notícia.

A RTP Porto conta com três jornalistas a trabalharem, exclusivamente, em função da editoria de Internacional. Acompanhei cada um nas respectivas tarefas e questionei-me sobre a natureza do trabalho que desenvolvem. A especialização em assuntos internacionais de que usufruem proporciona-lhes um certo grau de autonomia que, posteriormente, verifiquei não existir entre a esmagadora maioria dos restantes

profissionais; aos jornalistas de Internacional cabe um papel preponderante ao nível do *gatekeeping*⁷.

Por oposição, só em situações de catástrofes em território estrangeiro, com portugueses envolvidos, os jornalistas de Internacional têm algum contacto humano com os protagonistas da notícia e podem pôr em prática géneros jornalísticos como a entrevista, ainda que feita via telefone. Enquanto decorreu o meu estágio, nenhuma abordagem informativa justificou essa acção específica. O trabalho dos três jornalistas de Internacional assentou repetidamente na construção de notícias através de informações veiculadas pelas agências.

Confrontada com a dinâmica quotidiana daquela editoria, o que trouxe do Internacional foram os primeiros exercícios de linguagem televisiva e de imagem, levados a cabo enquanto estagiária. Fiz as primeiras experiências com imagens das agências noticiosas internacionais no programa de edição *sQ Cut* e escrevi uma curta peça sobre as touradas em Espanha [Anexo 1].

-“O factor «tempo»”

Também nesta fase me comecei a ambientar à etapa final do trabalho jornalístico televisivo – a edição – e me deparei com os constrangimentos próprios de uma força maior que rege a televisão: o tempo. Nelson Traquina considera-o o factor que “constitui o eixo do campo jornalístico” (1999: 174), e que se espelha de forma bem visível “entre os jornalistas de televisão”, para quem “o imediatismo” é “uma ideia-chave” (idem, ibidem: 181).

Apercebi-me, dentro de uma cabine de edição com o jornalista e o editor responsáveis pela reportagem, que, por vezes, uma peça fica pronta para ir para o ar segundos antes de o *pivot* fazer o seu lançamento, o que posiciona o trabalho de toda a equipa numa invariável esfera de tensão. Michael Schudson refere-se, a este propósito, à “cronamentalidade” dos jornalistas (in Traquina, 1999: 174), os profissionais para quem

⁷ Processo de decisão operado pelo jornalista, o *gatekeeper*, a quem cabe filtrar, por entre um fluxo de possíveis notícias, aquelas que passam por vários portões (*gates*) até chegarem às páginas de jornais ou tempos de antena televisivos ou radiofónicos, seleccionando assim as notícias que vão chegar de facto ao domínio público (in Traquina, 2002: 77).

“a urgência é um valor dominante” e “a corrida contra os *deadlines* uma constante” (Traquina, 1999: 182).

O tempo é, provavelmente, um dos temas mais debatidos no seio dos *media* e – constatei-o na prática ao longo do estágio – a ditadura temporal que rege os espaços noticiosos tem implicações reais a diversos níveis, que fui descobrindo paulatinamente. Este é, portanto, um tema que recupero noutros momentos do relatório, à medida que os constrangimentos temporais se me foram deparando no decorrer do estágio.

Os primeiros dias estavam assim vencidos; o primeiro contacto com a redacção antecipava desafios aliantes. Até então, confirmava-se o que tinha estudado no campo científico e via abertos horizontes que me conduziam à análise de novas problemáticas.

A partir daí, esperava-me uma experiência mais prática e sensorial no terreno. Numa segunda fase do meu percurso, comecei a sair da redacção para acompanhar equipas que partiam em reportagem, concretizando aquele que é tido como o género mais nobre do jornalismo. A reportagem – afirma Jacinto Godinho – “interroga a vida” (Godinho, 2004: 69). Por se debruçar sobre uma vastidão de temas, por explorar o cerne de determinados fenómenos e acontecimentos, por levar a narração de um acontecimento testemunhado por alguém ao telespectador (idem, ibidem: 65), a reportagem era o género jornalístico que mais ansiava conhecer de perto.

II.2. Saídas em reportagem

Se de início percorri os vários espaços e formatos noticiosos de acordo com uma linha estratégica delineada pelo meu orientador, progressivamente, ao ritmo a que ia conquistando alguma autonomia e confiança pessoal com os jornalistas, comecei a fazê-lo já por iniciativa própria.

Procurei não me prender mais a uma editoria em detrimento das restantes, tendo acompanhado reportagens na área da Saúde, de Sociedade, de Política, de Economia, de Cultura e de Desporto. Assisti à realização de múltiplas entrevistas, de vivos e de directos e estive em permanência na redacção durante uma madrugada.

Familiarizei-me com os passos prévios necessários à saída para o terreno e, neste campo, reflecti sobre o peso que a televisão, em concreto, exerce desde o primeiro ao último instante em que retrata uma realidade.

2.1. O jornalismo televisivo no actual contexto mediático

Antes de saírem em reportagem, os jornalistas que acompanhei procuravam inteirar-se, de modo exaustivo, sobre todos os dados disponíveis acerca do assunto que iriam tratar. Ainda na redacção, pesquisavam sobre o tema e os protagonistas em questão, inteiravam-se de conteúdos jornalísticos já publicados sobre a matéria em causa, e verificavam se algum outro meio de comunicação, escrito, audiovisual ou *online*, já iniciara o processo de cobertura desse conteúdo informativo.

Como passo seguinte, os jornalistas estabeleciam contactos com os intervenientes das notícias, de forma a trazerem para a peça testemunhos de fontes credíveis. Nessa fase, a televisão começava por suscitar reacções reveladoras do poder que detém entre os meios de comunicação e do papel que representa na sociedade, mesmo na era do digital em que vivemos. Como constata Nelson Traquina, a televisão é “rainha do mundo mediático. De facto, se fosse animal seria, certamente, uma leoa. Se fosse filme, seria, indubitavelmente, um musical à moda de Cecil B. DeMille. Se fosse

género televisivo, teria de ser uma telenovela. Se fosse fruta, seria a da época. Se fosse cantora, seria uma estrela da música *pimba*. (1997: 12).

- O impacto da televisão junto da população

Na primeira reportagem que acompanhei, a jornalista começou por procurar, através de diversas chamadas telefónicas, responsáveis farmacêuticos que se dispusessem a falar sobre o fim da comparticipação de determinados medicamentos anunciado pelo Governo⁸. O exemplo é bem ilustrativo: dos dois primeiros contactos feitos, um não admitiu sob qualquer circunstância dar o seu depoimento, ao passo que o segundo acedeu, prontamente, antecipando o momento – verificaríamos depois – como uma oportunidade de auto-promoção pessoal e profissional.

Episódios semelhantes sucederam-se ao longo de todo o estágio. A minha posição de espectadora no terreno permitia-me notar, com algum distanciamento, que, desde a rejeição irreduzível, à excitação incontrolável, a hipótese de falar perante uma câmara para milhares de pessoas parecia despertar nos protagonistas as manifestações mais antagónicas possíveis.

A televisão é um meio de massas incontornável e, se a sua influência transparece em meros contactos telefónicos, a sua presença, personificada pela equipa de reportagem e instrumentos técnicos no terreno, tende a torná-la mais proeminente ainda. “A presença das câmaras”, diz Nelson Traquina, “impõe a diferença” (1999: 59).

No espaço público, o cenário de reportagem era frequentemente cercado por olhares e comentários curiosos. A par do aparato humano que se formava em redor da câmara, registei também situações em que cidadãos comuns se aproximavam do jornalista com o intuito de fornecerem informações que julgavam pertinentes, tentando ser entrevistados, ou até mesmo ocasiões em que os protagonistas da notícia agiam com uma reverência em relação ao repórter televisivo que me pareceu, por vezes, desproporcionada.

Assinalo, a título de exemplo, uma reportagem feita numa escola básica, cujo director se dirigia ao jornalista como se este de uma autoridade se tratasse, manifestando

⁸ Reportagem exibida no Jornal da Tarde de dia 24 de Setembro de 2010.

inclusivamente dificuldades em que outros entrevistados, que não ele, merecessem alguns minutos de atenção⁹. Pierre Bourdieu justifica tais comportamentos com o facto de os jornalistas “deterem um monopólio de facto sobre os instrumentos de produção e de difusão a grande escala da informação e, através destes instrumentos, sobre o acesso dos simples cidadãos ao (...) «espaço público»” (2005: 48).

A força da televisão pareceu-me materializar-se, contudo, da forma mais objectiva possível, poucos segundos depois de uma equipa de reportagem, que acompanhei, ter terminado um directo numa livraria do Porto. Prontamente, um telespectador ligou para o estabelecimento a solicitar a deslocação da exposição, que lá decorria, para outro local. Poucos minutos depois, seguiu-se um novo telefonema de alguém que também tinha acabado de tomar conhecimento do evento através do directo televisivo. Entre uma chamada e outra, a proprietária da livraria exclamou, surpreendida: *-Isto é poder!*

Tais impressões sobre o poder de difusão da televisão despertaram em mim interrogações que tinham como pano de fundo uma questão estrutural: como se justifica que a televisão continue a suscitar tamanho interesse na era do *online*, em que os fluxos informativos se multiplicam e em que o acesso aos *media* está mais democratizado do que nunca? A questão abriu caminho a uma reflexão pessoal sobre o tema.

- O papel da televisão na era do *online*

Fruto de uma construção de décadas, a televisão foi crescendo até gerar o fenómeno que Traquina descreve como “a infiltração irresistível da televisão na vida quotidiana das pessoas” (1999: 14). Bourdieu atesta que, já nos primeiros anos deste novo milénio, a televisão continuava a ser um meio preponderante na formação de uma parte significativa da população que, por não consumir jornais diariamente, encontrava naquele *medium* a sua única fonte de informação. (2005: 45).

Porém, desde o virar do século que as novas tecnologias da informação passaram a potenciar um fluxo de comunicação e um manancial de informação de tal ordem, que vieram redimensionar por absoluto a cultura mediática contemporânea. Actualmente,

⁹ Reportagem exibida no Jornal da Tarde de dia 6 de Outubro de 2010.

“as notícias chegam através de qualquer tipo de fonte, sob todos os estilos e formatos, pela mão de jornalistas e de «não-jornalistas»”¹⁰ (Kovach e Rosenstiel, 2010: 33).

Mediante este panorama, o trabalho dos jornalistas, enquanto “profissionais de um campo de mediação que adquiriu cada vez mais influência graças à explosão mediática” (Traquina, 2002:14), sobressai pela credibilidade. Uma nova função, tácita, é inclusivamente atribuída aos jornalistas: a de clarificar, aos olhos dos consumidores, quais os factos em que podem confiar, marcando assim a distinção entre o trabalho jornalístico e os procedimentos puramente amadores.

Perante um sem fim de pretensa informação e material noticioso, torna-se imperativo, e mais fundamental do que nunca, que os jornalistas desempenhem a função de um filtro, persigam a verdade, verifiquem e apurem os factos empiricamente; em suma, que se mantenham fiéis a uma “disciplina de verificação” que isola o seu trabalho face ao dos agentes que veiculam a informação sem obedecer a nenhum dos princípios enunciados (Kovach e Rosenstiel, 2010: 36). Práticas como a de procurar várias testemunhas de um acontecimento, revelar o mais possível sobre as fontes e dar voz a todas as partes são requisitos dessa disciplina (idem, 2004: 74), e distinguem os jornalistas profissionais daqueles que difundem rapidamente dados sem confirmação pela Internet.

Kovach e Rosenstiel acreditam que, apesar da revolução no contexto mediático, “certos padrões e valores do jornalismo tradicional continuam a subsistir”, e que é através desses valores que “os consumidores conseguem distinguir qual é a informação confiável” que os rodeia¹¹ (2010: 172). A identidade do repórter e as normas que o jornalista profissional respeita assumem-se, assim, como marcas de diferença e de confiança que o individualizam perante os cibernautas que se arvoram em jornalistas e, a partir da Internet, difundem a *sua verdade*.

¹⁰ Tradução livre do excerto “the news comes from all kinds of sources, in all styles and formats, from journalists and nonjournalists”.

¹¹ Tradução livre do excerto “we believe certain standards and values of the traditional vision remain. (...) Those values are the primary way that consumers can distinguish reliable information from the other kinds of media vying for their attention.”

A tecnologia, consideram Kovach e Rosenstiel, pode alterar a distribuição e a forma das notícias, “mas não vai alterar a natureza humana e os imperativos daquilo que as pessoas precisam de saber”¹² (2010: 173).

Do ponto de vista jornalístico, a televisão – talvez por assentar nos princípios que presidem aos meios de comunicação tradicionais – parece ter o seu espaço ainda bem enraizado junto da população, mostrando-lhe aquilo que ela precisa de saber.

Pela presença constante na vida dos telespectadores, pela sua potência de difusão e pelo seu peso e envergadura, não é de estranhar, pois, que a televisão produza junto dos cidadãos “efeitos que, não embora sem precedentes, são absolutamente inéditos” (Bourdieu, 2005: 45). A presença da figura “televisão” provoca invariavelmente alvoroço em seu redor, pelo que as imagens em bruto¹³, que jornalista e repórter de imagem levam numa cassete de volta para a redacção, transportam uma realidade que não é fiel a si mesma, mas antes a realidade possível, a que se gera momentaneamente em torno da câmara. Nestas condições, a televisão, que pretende ser um instrumento de registo, torna-se, em determinadas situações, num “instrumento de criação da realidade” (idem, ibidem: 32).

Foi neste contexto que percepcionei a importância que o jornalista tem na condução dos acontecimentos. O jornalismo faz-se do contacto com as pessoas, pelo que as capacidades de interacção pessoal dos jornalistas são constantemente postas à prova. O repórter televisivo tem a missão de minimizar o impacto da sua presença – e de tudo o que ela representa – no local, criando condições que propiciem a espontaneidade dos entrevistados e de todo o meio envolvente. Neste campo, houve jornalistas que me marcaram por parecerem consegui-lo com mais facilidade do que outros.

A mesma capacidade de relacionamento interpessoal era posta em evidência quando a reportagem versava sobre a actualidade, e se destinava a ser exibida minutos ou escassas horas depois de a equipa chegar à redacção, no Jornal da Tarde.

¹² Tradução livre do excerto “Technology may change the delivery and form and may create different economic incentives for people and companies that aspire to deliver news. But it will not change human nature and the imperatives of what people need to know.”

¹³ Blocos de imagens captados pelo repórter de imagem na íntegra, antes de sofrerem quaisquer cortes ou efeitos de edição.

2.2. A acção jornalística: um trabalho de equipa

O jornalismo televisivo é um trabalho de equipa que requer, por norma, para uma pequena reportagem, três profissionais: o jornalista, um repórter de imagem e um editor. Idealmente, o jornalista e o repórter de imagem devem desenhar e arquitectar a peça conjuntamente, no terreno. Ao editor, que trabalha em permanência na redacção, cabe a tarefa última de concretizar numa peça as ideias delineadas pelos colegas, que deverão estar já, implicitamente, estruturadas no material que chega à cabine de edição.

Todavia, pelo facto de na RTP Porto a maioria dos trabalhos serem realizados de manhã para serem exibidos pouco tempo depois – no Jornal da Tarde desse mesmo dia – as equipas de trabalho debatem-se, frequentemente, com a obrigatoriedade de terem de desenvolver o trabalho a contra-relógio.

Em consequência dessa forçada corrida contra o tempo, assisti várias vezes ao desenrolar de situações que violavam, por absoluto, as regras relativas às boas práticas jornalísticas que interiorizei na Faculdade.

Quando o tempo era escasso, jornalista e repórter de imagem separavam-se no terreno e exerciam as suas funções de forma autónoma. Numa tentativa de optimizarem o curto tempo de que dispunham, ambos subvertiam, por completo, a lógica de construção conjunta da peça, transformando o trabalho de equipa num trabalho solitário, independente e individual. O repórter de imagem recolhia as imagens, alheio à informação que o jornalista reunia, e vice-versa, ignorando, ambos, a importância que uma concertação de estratégias desempenha sobre o produto final jornalístico.

A execução de práticas como a enunciada são nefastas para o jornalismo a todos os níveis, e, no decorrer do estágio, deparei-me com algumas das consequências reais que tal procedimento pode originar logo na fase seguinte da construção da peça – a da edição.

Dentro da cabine do editor, já na redacção, testemunhei duas situações que reflectiam a falta de planeamento de algumas equipas de reportagem: frequentemente, os planos captados pelo repórter de imagem não eram suficientes para cobrir todo o tempo de texto em *off* gravado pelo jornalista; por outro lado, assisti a ocasiões em que o jornalista mencionava no texto pormenores que não constavam no respectivo suporte

audiovisual recolhido pelo repórter de imagem, o que requeria do editor um esforço acrescido para cobrir o vazio resultante da falta de coordenação entre o jornalista e o repórter de imagem no terreno.

- As pressões temporais que pesam sobre a equipa

A pressão de tempo, a que as equipas estão sujeitas no Monte da Virgem, pareceu-me reflectir-se, portanto, de forma negativa, na fase da recolha, do tratamento e da edição da informação, o que julgo resultar, em última análise, num prejuízo para o telespectador.

Bill Kovach e Tom Rosenstiel rejeitam que um bom trabalho se cinja ao acto de um jornalista se sentar à frente do computador imediatamente a seguir a assistir a um acontecimento. Fazer um bom trabalho, consideram os autores, exige o seu tempo. “E o tempo é um luxo de que os jornalistas dispõem cada vez menos” (2004: 227). Esta máxima encontra um fundamento categórico na redacção da RTP Porto, onde pude comprovar que, de facto, “o tempo é um género extremamente raro em televisão” (Bourdieu, 2005: 24).

Presenciei uma situação limite no dia 24 de Novembro, dia de greve geral nacional que, de acordo com os sindicatos, teve uma adesão de cerca de 90% em vários sectores¹⁴. A paralisação reflectiu-se também no número de funcionários ao serviço da RTP. Por haver apenas dois editores de imagem presentes na redacção, a peça de abertura do Jornal de Tarde, que fazia o balanço da adesão à greve, e que acompanhei, foi concluída escassos minutos antes de ser introduzida em directo pelo *pivot*. Assim que saímos da cabine de edição, assistimos à sua exibição no ecrã que emitia o jornal. Para editar a peça, o editor teve de trabalhar sob um intenso clima de pressão, montando-a em tempo recorde, com o coordenador do Jornal da Tarde a adverti-lo, a cada minuto, para a urgência de a finalizar.

“A urgência é um valor dominante” numa redacção, escreve Philip Schlesinger, e “o domínio da pressão temporal é um meio de [os jornalistas] manifestarem o seu profissionalismo” (*in* Traquina, 1999: 177). De facto, pela experiência que vivi, apercebi-me que as equipas de reportagem tentam encontrar uma forma de lidar com a pressão temporal, tomando decisões para a poderem contornar.

¹⁴ Dados veiculados pela RTP no Telejornal do próprio dia (24 de Novembro de 2010).

À luz do saber teórico adquirido ao longo do meu percurso académico e da consciência crítica entretanto desenvolvida, permito-me, contudo, discordar de algumas das estratégias e decisões que testemunhei. As situações observadas, algumas delas acima descritas, deixaram-me a sensação de que a pressa acaba por se reflectir de forma mais intensa na fase final da montagem da peça, acabando por colocar do lado do editor a responsabilidade de camuflar as falhas dos colegas.

Uma peça, que se adivinhava apelativa, sobre um grupo de uma rede social que visava proporcionar o reencontro entre pessoas que tivessem trocado olhares no metro, colocou o editor perante um exercício de exigência redobrada, uma vez que o texto estava desajustado face às imagens trazidas do metro, sem quaisquer olhares ou cumplicidades a bordo¹⁵.

Numa redacção televisiva, em que cada profissional está fortemente dependente do trabalho dos seus pares, apercebi-me da importância que as relações entre colegas assumem sobre todo o processo de produção da notícia, e do quão determinante uma relação profissional construtiva pode ser sobre o resultado final.

- As relações entre colegas e a identidade específica da RTP Porto

Quando uma comparação entre cabazes de Natal tradicionais e *gourmet* motivou a ida de uma equipa de reportagem a dois espaços comerciais distintos, o repórter de imagem e a jornalista aplicaram aquela que deveria ser, desejavelmente, uma prática generalizada a todos os trabalhos: dialogaram sobre o tema que os levava em reportagem, de modo a concertarem ideias e a combinarem estratégias.

O repórter de imagem sugeriu à jornalista que adoptasse uma estratégia de comparação visual, sendo que, para tal, filmaria cada um dos cabazes à mesma escala, para que na edição se pudesse contrapor um e outro, sem uma discrepância de escalas à vista. A jornalista, que tinha pensado previamente noutro tipo de abordagem, aceitou de bom grado a sugestão do colega, demonstrando abertura e flexibilidade perante as ideias do companheiro de equipa.¹⁶

¹⁵ Reportagem exibida no Jornal da Tarde de 13 de Novembro de 2010.

¹⁶ Reportagem exibida no Jornal da Tarde de 18 de Dezembro de 2010.

No sentido inverso, assisti, a propósito da reportagem sobre um assalto¹⁷, a um desentendimento entre jornalista e repórter de imagem. A jornalista pediu repetidamente ao colega que captasse planos de certos pormenores, que achava relevantes, para que, posteriormente, o editor não tivesse dificuldade em ilustrar o texto – que já tinha delineado – com as imagens. Visivelmente desagradado, o repórter de imagem ripostou, respondendo à jornalista que não se intrometesse nas suas imagens, que ele não se intrometeria no seu texto.

O mundo dos jornalistas é um mundo dividido em que há conflitos, concorrências e hostilidades (Bourdieu, 2005: 16). Na RTP Porto testemunhei a existência de exemplos desses conflitos e senti de que forma os comportamentos hostis, como o anteriormente descrito, condicionam o bom fluir do trabalho de equipa. No caso em questão, considero a conduta do repórter de imagem condenável do ponto de vista profissional, por desprezar os princípios de trabalho conjunto pressupostos no jornalismo televisivo.

No campo das relações humanas, tive assim a oportunidade de apurar como uma relação cordial entre colegas pesa, de forma determinante, sobre o sucesso de uma peça. Já a um nível mais abrangente, o ambiente que encontrei no Monte da Virgem sugeriu-me a existência de um espírito que os coordenadores de informação, particularmente, pareciam incutir no quotidiano de trabalho da redacção: um espírito de união em torno da luta por um objectivo comum – o de manterem o Jornal da Tarde na liderança sobre os produtos concorrentes dos canais privados e de, assim, imporem a sua imagem de independência perante a sede do grupo RTP, em Lisboa.

A RTP Porto parece alimentar uma relação algo tensa com a sede de Lisboa, pelo que se torna perceptível uma disputa interna entre as duas redacções. Acresce que, empregando a delegação do Monte da Virgem um número relativamente reduzido de trabalhadores, na RTP Porto existe um ambiente propício a que as ideias dos jornalistas do topo da pirâmide hierárquica cheguem a todos os funcionários e os possam contagiar, potenciando assim o fortalecimento de um espírito de grupo e a consequente abertura, que apurei verificar-se, entre os jornalistas e as respectivas chefias.

Dos trinta e seis jornalistas que a RTP do Monte da Virgem emprega, cinco são coordenadores e um é sub-director de informação da estação, funcionando toda a

¹⁷ Reportagem exibida no Jornal da Tarde de 2 de Novembro de 2010.

estrutura num ambiente cúmplice mas, simultaneamente, profícuo. Comprovei-o quando percebi que os jornalistas iam falar com os coordenadores de informação para lhes exporem a sua insatisfação com a reportagem que lhes tinha sido atribuída.

Um descontentamento, recorrentemente manifestado pelos jornalistas aos coordenadores, referia-se à reincidência de temas das reportagens. Entendiam eles que, quando um tema tinha impacto suficiente juntos dos portugueses que justificasse alimentá-lo, este era explorado até à exaustão, acabando esgotado e chegando a tornar o trabalho pouco estimulante e criativo. Impressionou-me o facto de esse estado de espírito ser dado a conhecer às chefias, e de o tema ser debatido.

Uma das reportagens que acompanhei inquiria portugueses na rua sobre possíveis cortes que pretendessem fazer no orçamento familiar, atendendo às mais recentes medidas de austeridade anunciadas pelo Governo¹⁸; outra, procurava conhecer de perto o sentimento de alguém que, tendo tido um passado de sucesso, enfrentava o desemprego e a miséria¹⁹; uma terceira foi pedida a um jornalista no sentido de analisar, numa grande superfície comercial, a diferença que podia separar um cabaz de Natal com produtos de marca branca de outro, repleto de rótulos reconhecíveis. Assisti à troca de ideias entre jornalistas e coordenadores antes e no fim da execução das duas primeiras reportagens. A terceira, fruto do mesmo procedimento entre colegas, não chegou a concretizar-se, por manifesto desagrado do jornalista em debruçar-se sobre uma comparação que se vinha tornando tão recorrente nos dias anteriores.

Este momento deixou-me uma impressão muito positiva acerca da abertura ao diálogo ali existente entre os jornalistas e as respectivas chefias. Por forças de ordem prática, as organizações jornalísticas não podem, nem devem, funcionar sem alguém no topo da hierarquia cuja voz comande (Kovach e Rosenstiel, 2004: 190). Daí, que aos coordenadores coubesse, incondicionalmente, a última palavra. Mas essa voz deve, simultaneamente, ouvir, reflectir e ceder (idem, ibidem: 190), e na RTP senti que os coordenadores se esforçavam por preservar um ambiente de confiança mútua com os jornalistas, talvez por terem a clara noção de que a satisfação pessoal de cada um se reflectia num bem-estar colectivo, e de que esse sentimento propiciava o espírito de vitória que queriam manter.

¹⁸ Reportagem exibida no Jornal da Tarde de 22 de Outubro de 2010.

¹⁹ Reportagem exibida no Jornal da Tarde de 26 de Novembro de 2010.

A forma de organização que Kovach e Rosenstiel preconizam pressupõe direitos e deveres que se estendem bidireccionalmente, desde o topo até à base da pirâmide hierárquica. Por um lado, o jornalista de redacção tem, mais do que o dever, a obrigação de exteriorizar a sua consciência pessoal, de desafiar as suposições e preconceitos alheios, caso o rigor da informação assim o imponha. “É necessário que os jornalistas se sintam livres e que sejam mesmo incentivados a falar abertamente” (2004: 189), o que dependerá, em última instância, da forma como eles se movem dentro do espaço profissional (Bourdieu, 2005: 41).

Por outro lado, esta abertura exige muito dos directores, editores e chefes de redacção, na medida em que pode dificultar a gestão do órgão noticioso. Em todo o caso, e em prol da informação, as chefias têm de estar dispostas a ouvir, e não somente a decidir de forma autónoma.

São tantos os obstáculos que se colocam à “produção de notícias exactas, imparciais, equilibradas, centradas nos cidadãos, independentes e corajosas”, que é necessário que todos os jornalistas – desde a redacção à direcção – se questionem, argumentem e se desafiem reciprocamente (Kovach e Rosenstiel, 2004: 190).

2.3. A contextualização das notícias: o *sense making*

Relembrando o role de reportagens que segui de perto, também eu senti e registei, à imagem do que acontecia com os jornalistas, que a essência temática que serviu de enquadramento a uma grande parte dessas reportagens foi *a crise*, abordada sob os mais diversos ângulos.

O jornalismo é uma actividade vital às sociedades, na medida em que as notícias satisfazem um “impulso humano básico”. Molotch e Lester explicam-no através de um instinto por sabermos o que se passa para além da nossa própria existência e de, por isso, dependermos das notícias, que nos trazem aquilo a que não assistimos directamente e que tornam “observáveis e significativos *happenings*” que, de outra forma, nos seriam desconhecidos (*in* Traquina, 1999: 34).

O que está em causa quando se discute a pertinência dos *happenings* que figuram no alinhamento do jornal são, portanto, os princípios que concorrem para elevar uma ocorrência ao estatuto de acontecimento público. Qualquer ocorrência pode, potencialmente, tornar-se num acontecimento noticiável, desde que tal ascensão tenha um fim em vista. Ora, na origem deste salto rumo à opinião pública deveria figurar, invariavelmente, a prioridade do interesse público, mas, num contexto altamente concorrencial entre as organizações mediáticas, presentes nessa actividade de agendamento estão, por vezes, os mais diversos interesses (Traquina, 1999: 37).

Daniel Cornu considera que a realidade do mundo, tal como os *media* a apresentam, se constrói mais nas redacções do que no terreno (1994: 275). Pierre Bourdieu corrobora, afirmando que a informação televisiva, em particular, tende a debruçar-se sobre factos que apelida de *omnibus*, querendo com o termo remeter para factos passíveis de interessar a toda a gente (Bourdieu, 2005: 46). Factos que produzam um “efeito multiplicador” (Traquina, 1999: 37) e não deixem ninguém indiferente, como *a crise*.

Esta insistência numa mesma problemática, este “chover no molhado” (Kovach e Rosenstiel, 2004: 163), reflecte também um movimento dominante do jornalismo ocidental que consiste em colocar a tónica nos acontecimentos negativos, nas coisas que correm mal. Os teóricos justificam-no, a um nível contemporâneo, pelo momento de transformação que atravessa a cultura dos *media*. Quando assim é, parece surgir uma

pressão para que se tente manter a atenção do público, insistindo em temas que despertem o interesse do maior número possível de pessoas, como *a crise*.

Mas “o jornalismo deve manter-se leal, acima de tudo, aos cidadãos” (Kovach e Rosenstiel, 2004: 52), ao invés de funcionar como um produto de que as organizações mediáticas se servem para atingir números. Uma actividade tão crucial como o jornalismo deve ser entendida como um serviço, sim, mas ao dispor das audiências, dando resposta às suas questões e proporcionando-lhes instrumentos capazes de as trazer para a discussão pública (idem, 2010: 175).

Kovach e Rosenstiel defendem que, idealmente, num futuro próximo, o jornalismo da era digital ultrapasse a sua dependência em relação às agendas estabelecidas pelos editores, para ir mais além, à essência do que os consumidores requerem das notícias. (ibidem: 175). Os jornalistas devem ser capazes de abrir o jornalismo ao diálogo e de deixar que sejam as pessoas – e aquilo que as pessoas requerem das notícias – a reger o jornalismo, e não o contrário.

Na prática, quer isto dizer que ao jornalista caberá o papel de “*sense maker*” (fazedor de sentido) e a consequente tarefa de levar o contexto da informação ao espectador, para que seja este último a decidir o que a notícia significa para si (idem, ibidem: 176).

Na RTP contactei com um jornalista que me parecia desafiar, particularmente, os princípios do jornalismo, que ditam que se privilegiem os desejos e as necessidades do consumidor de notícias. O profissional nutria um gosto visível pela vida animal e parecia aplicar esse interesse pessoal, por prazer, a vários trabalhos.

O jornalista em questão tinha já, ao que percebi, um leque de fontes próprias que lhe possibilitava a regularidade de novas notícias no domínio dos seus interesses. Acompanhei uma das reportagens que o jornalista levou a cabo sobre uma ave com a fisionomia de um dinossauro e testemunhei o grau de envolvimento com que o profissional tratou o tema. O trabalho resultou numa peça de seis minutos e vinte e dois segundos, para ser exibida no Jornal da Tarde²⁰.

Sirvo-me do exemplo para questionar a legitimidade de os jornalistas usarem o palco mediático em benefício próprio, servindo-se do estatuto profissional e do acesso

²⁰ Reportagem exibida no Jornal da Tarde de dia 24 de Outubro de 2010.

privilegiado aos *media* como alavanca para se debruçarem sobre interesses próprios de que dão eco à opinião pública.

Um jornalista que não demonstre preocupação em ir ao encontro da satisfação do público, mas sim da sua própria satisfação, não terá condições para conseguir manter um distanciamento crítico em relação ao seu trabalho. Se tal distanciamento existisse, o jornalista questionar-se-ia, porventura, sobre a pertinência de determinado tema figurar num jornal generalista, ao invés de se enquadrar num espaço informativo, voltado para um nicho de mercado restrito.

2.4. O jornalista e as fontes

A importância da relação com as fontes foi um tema que me suscitou sempre um grande interesse, na medida em que esta se afigura, nos manuais de jornalismo, como uma das questões mais gratificantes e ao mesmo tempo delicadas para quem lida com a informação. A experiência na RTP veio adensar-me a curiosidade em torno dessa ligação, pautada ora pela tensão, ora pela cumplicidade.

- Manipulação do jornalista pela fonte

Daniel Cornu adverte para o facto de o jornalista dever ter sempre presente o carácter de negociação que está implícito nesse jogo de interesses que é a obtenção de informação (1994: 271). Revejo, nas palavras do autor, mais um dos episódios que vivenciei no estágio.

Numa reportagem sobre uma denúncia, feita por uma associação de empresários, acerca da situação que enfrentavam milhares de micro, pequenas e médias empresas, o jornalista deparou-se com uma fonte que tentava manipulá-lo num duplo sentido: em relação ao conteúdo da denúncia e ao perfil de empresários que convidou a falarem com a equipa de reportagem.

O responsável pela associação de empresários afirmou, no mês de Novembro, que milhares de empresas não iriam ter liquidez para pagar os subsídios de Natal aos seus colaboradores. O dirigente estava, com a denúncia, a desempenhar a função de um *News Promoter*, agente que, segundo Molotch e Lester, identifica uma ocorrência como sendo especial (*in* Traquina, 1999: 38).

Antes de sair da redacção, na fase de preparação prévia da reportagem, o jornalista já tinha contactado outra associação de empresários para aferir da fiabilidade de tais declarações. Obteve por resposta que seria uma perda de tempo sequer comentar tal afirmação, que, por vir do dirigente que vinha, não tinha qualquer base credível.

Chegado ao terreno, o jornalista perguntou ao líder da associação como tinha chegado a tais dados, ao que o entrevistado garantiu ter sido o gabinete de estatísticas a recolher números e a formular conclusões. Em busca da confirmação de tal

procedimento, o jornalista deparou-se com um primeiro indício de manipulação: o gabinete de estatística não existia.

Já em contacto com os dois empresários que iriam prestar declarações sobre a incapacidade de pagar subsídios de Natal, o jornalista apercebeu-se de outra incongruência: estes já não pagavam sequer os devidos vencimentos mensais aos funcionários havia vários meses, facto que fazia com que, apesar do esforço do dirigente por omiti-lo, aqueles não fossem exemplos ilustrativos da alegada realidade que se pretendia retratar.

Mas a adulteração dos factos não se ficou por ali. Enquanto o jornalista tentava apurar como os empresários em questão tinham chegado à insolvência iminente, o líder da associação tentou confundir-lo, criando manobras de diversão à volta dos conceitos de *linha de crédito e fundo perdido*.

Traquina nota que “existem interesses na promoção de certas ocorrências para utilidade pública, assim como interesses na prevenção de certas ocorrências de se tornarem acontecimentos públicos” (1999: 39), e o caso narrado encontra um fundamento teórico nas palavras do autor.

Daniel Cornu lembra que, se de um lado se encontra o jornalista, que procura obter respostas do seu informador, do outro está alguém que detém essas respostas, e que visa extrair do processo benefícios próprios. “A fonte que está na origem de uma informação – conclui Cornu – é na maior parte das vezes movida pela vantagem que julga tirar da sua difusão: material, estratégica ou em termos de imagem” (1994: 271).

Kovach e Rosenstiel partem do exemplo do repórter de guerra Homer Bigart, que “não assumia nada” como verdadeiro (2010: 27), para sugerirem que o “cepticismo” (idem: 30) e o espírito crítico de um jornalista são essenciais para que este não seja um mero reproduzidor dos factos que lhe são dados a conhecer (ibidem: 27). “[Os jornalistas] têm a responsabilidade de verificar os factos, de os comprovar, em vez de aceitarem tudo o que lhes dizem”²¹; no fundo, têm a responsabilidade de ser “cépticos” e de não “tomarem nada por garantido”²² (ibidem: 27).

Por decisão do coordenador do Jornal da Tarde, tendo em atenção todos os contornos da situação descritos pelo jornalista, nenhuma parte daquele conteúdo foi

²¹ Tradução livre do excerto “They [journalists] have the responsibility to ferret out facts for themselves, to establish proof empirically, not accept other people’s word secondhand.”

²² Tradução livre do excerto “to take nothing for granted”.

trabalhado e, como consequência, a reportagem não foi para o ar. Quanto a mim, enquanto estagiária, senti o peso que a experiência e o traquejo do jornalista, para além da sua exigência com vista à verdade, tiveram no desenrolar dos acontecimentos.

O jornalista não pode deixar de questionar-se permanente, a cada novo contacto que estabelece, sobre quais as influências que a fonte exerce ou são exercidas sobre ela. Cabe ao jornalista descortinar as redes de interesses que motivam as fontes e averiguar a teia de relações pessoais e institucionais que as rodeiam (Cornu, 1994: 273). Este é um exercício de distanciamento a que qualquer jornalista está, constantemente, sujeito, sob pena de ser levado por sentimentos, opiniões, empatias ou ingenuidades que vão além do seu ofício e que “este tem, como qualquer indivíduo” (idem, ibidem: 273).

Mas os largos anos de prática que guiam os jornalistas da RTP têm implicações a um nível mais abrangente na relação com as fontes: quem produz a informação parece ter uma noção clara do impacto que um certo tipo de exposição mediática vai provocar na vida dos protagonistas das notícias. Com base nesse conhecimento de causa, assisti a diferentes reacções de jornalistas, quando postos perante situações que calculavam poder vir a ter implicações mais ou menos profundas na vida dos seus entrevistados.

2.5. A missão do jornalista

No dia 26 de Novembro integrei-me numa equipa que ia fazer uma reportagem sobre o provável encerramento de uma fábrica que empregava dezenas de trabalhadores. O trabalho não chegou, porém, a realizar-se, porque o entrevistado se mostrou relutante em falar sobre o assunto, e o jornalista entendeu que não devia contrariá-lo.

Na RTP Porto, a organização de todo o trabalho passa pelo serviço de agenda, como que um departamento específico cujos profissionais, para além de filtrarem as ocorrências que chegam à redacção, estabelecem também contacto com os protagonistas das reportagens. Através do telefone, propõem, agendam ou confirmam entrevistas, e acertam as horas e locais das mesmas. Os funcionários ao serviço da agenda desempenham, portanto, parte do trabalho que deveria caber ao jornalista, num procedimento que pode ser considerado uma intromissão na liberdade jornalística, e que dá azo a que situações como a descrita se repitam com alguma regularidade.

A equipa deslocou-se ao terreno para fazer a reportagem que estava agendada e, à porta da fábrica, o industrial que geria o negócio apelou à compreensão do jornalista para que se cancelasse a cobertura da história. Segundo o dono da fábrica, a reportagem iria, presumivelmente, determinar o encerramento do espaço antes do previsto, na medida em que os trabalhadores iriam ver na televisão que continuavam a trabalhar em vão e, desse modo, não terminariam a última encomenda que estavam a produzir. O jornalista não exerceu resistência aos argumentos do fabricante de vestuário e regressou à redacção sem material para a reportagem, afirmando: *–Eu não estou aqui para complicar a vida de ninguém.*

John Soloski faz referência a uma corrente de pensamento que opõe a “ideologia do profissionalismo” à “do capitalismo” (*in* Traquina, 1999: 93). O comportamento do jornalista perante o industrial parece enquadrar-se nos moldes dessa corrente, segundo a qual “a fidelidade dos profissionais às suas normas deontológicas [os] leva a entrar em conflito com intuits lucrativos da organização comercial” (*idem, ibidem*: 93)

Os jornalistas deparam-se, por vezes, com uma tensão entre a ética e a economia que os põe perante um binómio de deveres: por um lado, para com o compromisso profissional, e por outro, para com a sua consciência pessoal. Kovach e Rosenstiel decretam que, do ponto de vista ético, os jornalistas “não devem mentir nem enganar as

suas fontes” sob quaisquer circunstâncias (2004: 86). O respeito pela pessoa humana deve aliás, lembra Cornu, configurar um limite à liberdade de informar (1994: 404).

Tal como esperam uma veracidade autêntica por parte das fontes de informação, é precisamente nessa mesma medida que os jornalistas devem agir para com elas. Estes colherão, de resto, todo o proveito da situação, na medida em que uma interacção adequada com as fontes deverá reflectir-se numa maior capacidade de influência sobre elas, e a boa manutenção da relação corresponderá a um “interesse comum” entre as partes (Cornu, 1994: 271). Bill Kovach e Tom Rosenstiel consideram que, só por si, esse dever ético já constitui um grande desafio para qualquer profissional (2004: 188).

No entanto, no extremo oposto, uma outra responsabilidade de fôlego pesa sobre o jornalista: a do dever para com a empresa e os superiores hierárquicos que o empregam. Registei, a esse propósito, a atitude de um outro jornalista que contrasta com a do colega do caso anterior. O jornalista preparava-se para entrevistar o dono de uma ourivesaria que tinha sofrido uma tentativa de assalto, quando o entrevistado se mostrou relutante em dar a entrevista. O ourives tinha disparado sobre os assaltantes e, por isso, confessou ao jornalista ter receio de sofrer represálias na sequência daquela reportagem.

Perante as hesitações do comerciante, o jornalista fê-lo saber que tinha liberdade para tomar a decisão de falar ou não, e formulou-lhe, sem demoras, uma primeira pergunta. A reportagem concretizou-se²³. Já na redacção, o jornalista declarou: *–Se fosse eu, nunca teria dado esta entrevista... este senhor não sabe no que se meteu.*

O campo do jornalismo é minado por esta tensão entre os imperativos éticos que devem orientar as decisões no terreno, e as pressões e imposições subentendidas no sistema comercial que financia o trabalho dos jornalistas (Cornu, 1994: 260). Traquina elenca uma série de constrangimentos que se impõem sobre o trabalho do jornalista, enquanto elemento ao serviço de uma organização mediática:

“Trabalho condicionado pela pressão das horas de fecho, pelas práticas levadas a cabo para responder às exigências da tirania do factor tempo, pelas hierarquias superiores da própria empresa – e, às vezes, pelo(s) próprio(s) dono(s) –, pelos imperativos do jornalismo como negócio, pela brutal competitividade, pelas acções de

²³ Reportagem exibida no Jornal da Tarde de dia 10 de Dezembro de 2010.

diversos agentes sociais «promovendo» os seus acontecimentos para figurarem nas primeiras páginas dos jornais ou na notícia de abertura dos telejornais.” (2002: 14).

Soloski sustenta que, “a fim de limitar” o comportamento profissional dos jornalistas (*in* Traquina, 1999: 99), as organizações jornalísticas estabelecem “políticas editoriais”, que visam também “minimizar o potencial conflituoso” entre a direcção e os jornalistas (*idem*, *ibidem*: 100).

Warren Breed descreve a política editorial como “um elemento importante das normas da redacção” que permite que o jornalista descubra e interiorize “os direitos e as obrigações do seu estatuto, bem como as suas normas e valores” (*idem*, *ibidem*: 155). Através da política editorial, sintetiza Breed, o jornalista “aprende a antever aquilo que se espera dele, a fim de obter recompensas e evitar penalidades” (*idem*, *ibidem*: 155).

Pierre Bourdieu salienta que, “nesse microcosmo que é o mundo do jornalismo, são muito fortes as tensões entre os que gostariam de defender os valores da autonomia, da liberdade frente ao comércio, à encomenda, aos chefes, etc., e os que se submetem à necessidade e são pagos em contrapartida...” (2005: 36). Warren Breed sublinha que tais “constrangimentos organizacionais” têm uma força de tal ordem, que o jornalista acaba por ir redefinindo os seus valores até se enquadrar na dinâmica da “linha editorial da empresa” para que trabalha (*in* Traquina, 2002: 84).

Em última análise, escolhendo privilegiar um lado em detrimento do outro, o jornalista estará sempre a prejudicar alguma das entidades: ou a empresa para que trabalha, defraudando as expectativas dos seus superiores ao não pôr o poder de persuasão e perseverança ao serviço da causa profissional, ou, por outro lado, a sua própria consciência moral, que só será protegida se o jornalista tiver criado uma capacidade de abstracção que lhe permita resguardar-se de tudo o que o rodeia.

Warren Breed assegura que, “geralmente”, “o jornalista se conforma mais com as normas da política editorial da organização do que com quaisquer crenças pessoais” (*in* Traquina, 2002: 80). Esta é, quanto a mim, uma das questões mais delicadas no seio do jornalismo.

CAPÍTULO III

A NATUREZA DOS TRABALHOS QUE DESENVOLVI

O meu estágio obedeceu, como descrito, a um modelo que privilegia a observação em relação à concretização. Em cada tarefa a que assisti, exercitei os conhecimentos teóricos adquiridos na componente curricular do Mestrado, absorvendo métodos de trabalho, reconhecendo desafios e apreendendo maneiras de ser e de estar.

Pragmaticamente, significou isto que, mais do que desempenhar funções de carácter profissional relevantes para a RTP, a empresa de acolhimento me proporcionou o vivenciar de uma fase de experiência intermédia entre a aprendizagem universitária e o exercício da profissão. Iniciei o estágio também na expectativa de pôr ao serviço da empresa o saber adquirido na licenciatura e na componente lectiva do Mestrado, mas o processo acabou por me garantir, em exclusivo, a aquisição de um saber complementar, feito de experiências reais observáveis no terreno jornalístico; esse processo permitiu-se confirmar e infirmar teorias.

Ao cabo dos três meses de formação profissional, compreendi a importância de observar e de analisar para, numa fase posterior, experimentar. Depois de integrada nas rotinas que motivaram grande parte das conclusões apresentadas no Capítulo II, fruto de um trabalho de análise crítica, comecei a estruturar e a editar as minhas peças jornalísticas.

Embora, com o decorrer do tempo, tenha tido surpresas pontuais em relação à responsabilidade das tarefas que me eram confiadas, o acto de dar forma às minhas reportagens representava a maior oportunidade que tinha para materializar os meus conhecimentos e me testar. Nesse âmbito, tive, contudo, noção das lacunas que ficaram por preencher ao não poder exercer as funções de um jornalista na sua plenitude.

Nunca tive a responsabilidade de estabelecer contactos directos com as fontes e, logo, nunca me confrontei com nenhum dos desafios que vi os jornalistas enfrentarem nesse campo. Nunca me deparei com uma fonte que me tentasse manipular, nunca fui posta perante qualquer tensão entre imperativos éticos e organizacionais, nem, tão pouco, alguma vez alguém esperou de mim que lhe servisse de trampolim promocional.

À luz de tal perspectiva, a minha tarefa esteve sempre muito simplificada, uma vez que evitei etapas que já tinham sido transpostas pelo jornalista profissional e a cujo produto eu me limitava, somente, a dar continuidade. Ainda assim, foi nesta fase que encarei alguns problemas metodológicos com que me fui deparando, na minha busca rumo a um estilo jornalístico próprio.

III.1. *Vox Pop*

Tive a oportunidade de fazer, por duas vezes, *vox pop*²⁴ para introduzir em reportagens distintas exibidas no Jornal da Tarde. Numa primeira vez, questionei pessoas que corriam na rua sobre a razão que as levava a praticar desporto ao ar livre, em vez de frequentarem ginásios; na segunda, interroguei vários cidadãos no sentido de aferir a adesão à greve geral nacional, que se anunciava para o dia seguinte, e as perturbações que a falta de transportes públicos poderiam vir a causar²⁵.

As experiências levaram-me a questionar o valor jornalístico de tais entrevistas por dois motivos: a convicção de que os *vox pop* não têm qualquer legitimidade estatística e a impressão de que o jornalista pode escolher apenas os testemunhos que lhe convenham para a estruturação da peça.

Cornu enumera algumas das tarefas que estão a cargo do jornalista: a de distinguir o que é verdadeiramente digno de ser relatado, a de relatar a realidade observada com exactidão, “sem a travestir”, e a de decidir entre o que vai chegar ao espaço público e o que não vai (1994: 320). Em cada etapa do trabalho jornalístico descrito pelo autor está, pois, implícito um processo de selecção constante. Foi partindo desse princípio que me questionei de que forma pode o jornalista retratar a realidade com precisão se, no caso dos *vox pop*, é o próprio quem decide que opiniões vão chegar ao espaço público, sem que a informação seja objecto de qualquer tratamento estatístico.

Desde o momento em que escolhe os entrevistados na rua, por entre um universo de potenciais alvos, até à fase em que elege as entrevistas que vão ter lugar na peça, o

²⁴ Entrevistas de rua em que se questionam cidadãos anónimos sobre um determinado tema.

²⁵ Reportagens exibidas no Jornal da Tarde dos dias 5 e 23 de Novembro de 2010, respectivamente.

jornalista está a seleccionar uma amostra de opiniões com base num método que não é rigoroso. Essa selecção, que pode ser ditada por motivações de várias ordens – que vão desde crenças pessoais, à conveniência de estruturar a peça de uma determinada forma – retira o carácter de exactidão à reportagem. Por isso, a experiência fez-me questionar a pertinência que têm os *vox pop* em reportagens que pretendem retratar o impacto de determinado tema junto da população.

Numa vertente prática, as entrevistas de rua conferiram-me a oportunidade de exercitar, a um nível profissional, aspectos formais da atitude de repórter. Aprendi a posição em que me devia colocar em relação ao repórter de imagem para que o entrevistado ficasse de perfil para a câmara, e experimentei estratégias para abordar as pessoas que queria entrevistar.

Excepção feita aos *vox pop* e à fase da edição, todo o meu restante trabalho foi desenvolvido de forma autónoma. O estágio levado a cabo na RTP proporcionou-me uma liberdade total para me integrar nos trabalhos que preferisse, e fez com que aprendesse observando o que se faz bem e o que se faz pior.

O carácter de independência em que se envolveu o estágio fez com que, desde cedo, me consciencializasse de que teria de ser eu própria a estabelecer as minhas metas. Percebi que só assim poderia tirar o máximo partido da experiência para crescer e me formar profissionalmente. Como não havia qualquer exigência por parte da empresa de acolhimento sobre a minha prestação, eu própria estabeleci expectativas pessoais. O brio e a vontade de melhorar fizeram com que me empenhasse no aperfeiçoamento da escrita televisiva.

III.2. As minhas peças

Estabeleci, por iniciativa própria, um objectivo que decidi que estimularia a minha ordem de trabalhos – o de simular, tanto quanto possível, que o que fazia se destinava a ser exibido no Jornal da Tarde, para que revestisse as minhas tarefas da atitude mais profissional possível.

Assim, antes de sair da redacção, também eu fazia uma pesquisa acerca do tema que iria acompanhar em reportagem, reunindo todas as informações disponíveis nos vários órgãos de comunicação sobre o assunto. No terreno tomava notas e, de volta à redacção, começava então a esboçar as minhas peças, impondo limites temporais à minha tarefa.

Avaliar a minha capacidade em lidar com pressões reais de tempo foi, de resto, o grande desafio que lamento ter ficado por cumprir no meu estágio, uma vez que – percebi – reagir a um acontecimento inesperado num curto espaço de tempo, quando a necessidade o impõe, se revela um ponto estruturante numa redacção. Como afirma Traquina, o jornalista é um profissional “controlado pelo relógio, dedicado ao conceito de actualidade, obcecado pela pergunta «o que há de novo?»” (1999: 176).

- A criatividade ao serviço da informação

O tempo que estabeleci para compor as peças foi o que me pareceu razoável atendendo à minha inexperiência, mas fiz sempre um esforço para ir ultrapassando as metas que impunha. Assim, tentei conciliar a maior rapidez possível com o aperfeiçoamento da escrita. Sempre que regressava de reportagens, visionava todas as imagens recolhidas no terreno, fazia uma primeira selecção de declarações fortes e de informações novas, se as houvesse, e tomava nota dos planos que me captavam a atenção e me sugeriam uma ligação textual.

Um dos ensinamentos que mais me marcou enquanto estudante de jornalismo foi que, em informação televisiva, a criatividade marca a diferença. A este propósito, Kovach e Rosenstiel entendem que “ a responsabilidade de um jornalista não é apenas fornecer informação, mas fornecê-la de forma a que as pessoas lhe prestem atenção, (...) torná-la relevante e envolvente” (2004: 153).

Na RTP Porto, as peças concebidas com criatividade são, geralmente, montadas com alguma antecedência em relação à respectiva emissão. Nas peças de actualidade produzidas diariamente, a criatividade não parece ser uma prioridade. Na única vez em que, excepcionalmente, notei essa preocupação, o plano da jornalista falhou, por falta de coordenação com o serviço de arquivo²⁶.

No dia 22 de Setembro de 2010, a abertura do Jornal da Tarde tinha uma peça sobre as sucessivas e contraditórias declarações de membros do Governo, relativamente à prossecução de algumas grandes obras públicas em curso. A jornalista, responsável pela peça, tentou recuperar, junto do serviço de arquivo da redacção, os momentos em que diferentes *pivots* do canal relatavam a mais recente posição dos governantes sobre o assunto.

A recolha das imagens revelou-se, contudo, demorada, encurtando a margem para a edição da peça antes do Jornal da Tarde. Por isso, a jornalista abandonou a ideia e acabou por narrar os acontecimentos num texto corrido, de uma forma certamente mais monótona. O produto final saiu prejudicado e o episódio contribuiu para que eu me empenhasse nesse exercício de criatividade capaz de diferenciar uma peça.

Sempre que decidi trabalhar uma reportagem, evitei ver, no Jornal da Tarde, a forma como o jornalista tinha tratado a mesma informação. Depois de ter contacto com as peças já exibidas, sentia dificuldades em desligar-me das escolhas do jornalista e em trabalhar a minha própria peça de maneira independente, sem quaisquer influências. Foi um impulso que tive de reprimir várias vezes, especialmente quando comecei a deparar-me com a peculiaridade da escrita televisiva e a necessidade de simplificar o texto o máximo possível, quer quanto ao vocabulário empregado, quer relativamente à economia de palavras.

A ditadura do tempo, em televisão, reflecte-se não só na margem apertada para a montagem da peça antes de ir para o ar, como também no tempo de duração das reportagens. Os jornalistas devem ser breves e concisos, sobretudo num *medium* que pretende chegar a uma vasta audiência; cortar e simplificar são, por isso, palavras de ordem.

²⁶ Espaço onde são arquivados todos os suportes audiovisuais produzidos pela e para a RTP Porto (desde os telejornais às imagens de reportagens em bruto).

Os textos que escrevi ao longo do estágio retratam o meu esforço nesse sentido. Se o primeiro resultou numa peça com uma estrutura complexa [Anexo 4], o último texto que escrevi apresentava já um encadeamento de ideias mais linear, com frases simples [Anexo 3], numa altura em que a escrita fluía já com outra destreza.

-Edição

Evolução semelhante julgo ter registado, num exercício de auto-avaliação, na esfera da edição. Esta foi uma fase muito produtiva. Trabalhando com um editor de imagem, exercitei a leitura, a colocação da voz, descobri como o acto de editar pode transformar um conteúdo banal numa peça apelativa, e deparei-me com a questão metodológica que mais estimulou a minha capacidade de reacção no momento real das contrariedades – o facto de nem sempre ser possível executar a edição como eu a tinha concebido.

Trabalhei uma reportagem sobre olhares trocados no metro do Porto e estruturei-a, precisamente, como uma viagem no metropolitano: o início da peça devia representar o embarque, e, o fim, a saída do transporte. Um impedimento invalidou, todavia, a minha ideia – não havia imagens, captadas no interior do metro, em quantidade suficiente para preencher todos os segundos de peça. Assim, procurei reagir expeditamente, propondo uma alternativa que me pareceu viável mediante as imagens disponíveis [Anexo 5].

O editor desta peça mostrou-se, à imagem dos restantes, receptivo às minhas dúvidas e sugestões, confirmando-me a importância de um trabalho conjunto fruto de um diálogo aberto.

No mesmo sentido, obtive destes profissionais pareceres muito construtivos, relativamente à leitura que fazia dos meus textos. Quando lia naturalmente, a entoação que imprimia ao texto era expressiva, mas a voz fazia transparecer um timbre algo infantil; pelo contrário, quando me esforçava por torná-la mais grave, prejudicava a expressividade, lendo num tom mais monocórdico. Assim, fui aconselhada a praticar até encontrar um ponto de equilíbrio entre a colocação da voz e a entoação conferidas à leitura. Outra fragilidade que procurei melhorar, progressivamente, foi a minha velocidade de leitura. Embora tivesse uma tendência inicial para ler lentamente, com o treino consegui encontrar um tom mais enérgico.

III.3. Vivo e directo

Numa das saídas em reportagem gravei um vivo²⁷ e simulei um directo. A experiência teve lugar numa fábrica de chocolates artesanais, o que me suscitou alguma dificuldade em não enveredar pela lógica publicitária. Esta é, de resto, como observei, uma tendência que os jornalistas têm de saber contornar habilmente, sob pena de sucumbirem a uma transgressão de competências que o Código Deontológico, que os rege, condena²⁸.

A abertura e o fecho do directo, assim como as perguntas que formulei aos entrevistados, colocaram-me perante o desafio de evitar que o nome do negócio fosse propositadamente citado. Tentando contornar essa questão, deparei-me com outra contrariedade: a equipa que eu acompanhava estava ao serviço do programa da RTP Portugal em Directo²⁹, cujas características o colocam numa espécie de limbo entre a informação e o entretenimento. Assim, tive de desenvolver um esforço acrescido que me permitisse, desviando-me da marca dos chocolates, construir um foco de interesse que motivasse aquela reportagem.

Este foi, entre todos, o momento em que mais valor dei ao facto de estar num período de experimentação, e de ter o modelo de uma repórter experiente para seguir e com quem me aconselhar – só depois de a jornalista gravar as reportagens para o programa, me senti preparada para avançar para as minhas simulações.

²⁷ Termo que designa o registo de um entrevistado numa peça jornalística. Nas redacções jornalísticas, o termo é utilizado, igualmente, para referenciar a introdução do depoimento do jornalista na peça que está a tratar. Os vivos do jornalista podem integrar-se na entrada, a meio ou na conclusão da peça. Em qualquer dos casos, o vivo substitui a imagem – ou por esta não poder ser captada, ou por o jornalista entender que deve assumir a descrição de determinada realidade.

²⁸ “O jornalista deve recusar funções, tarefas e benefícios susceptíveis de comprometer o seu estatuto de independência e a sua integridade profissional. O jornalista não deve valer-se da sua condição profissional para noticiar assuntos em que tenha interesses.” (Código Deontológico dos Jornalistas, 1993)

²⁹ Programa que, embora se enquadre na grelha de informação da RTP, contempla temas “leves” da actualidade, frequentemente temas e curiosidades de interesse regional

III.4. Entrevista para o Jornal da Tarde

No dia 11 de Novembro rompi a rotina, que me vinha acompanhando desde o início do estágio, para desempenhar uma tarefa de maior fôlego. Entrevistei uma representante da Assistência Médica Internacional (AMI), cujo depoimento faltava para completar uma peça para o Jornal da Tarde, que teria de ser montada nas instalações de Lisboa.

O objectivo da entrevista era questionar a representante da AMI sobre uma denúncia feita pela associação. A representante da instituição tinha afirmado a uma agência noticiosa que, indo o primeiro período lectivo quase a meio, ainda havia famílias afectadas pelos cortes nas prestações sociais, que não conseguiam comprar livros escolares às crianças.

Considero ter executado a entrevista de forma satisfatória no que se refere à obtenção de informação. Houve, contudo, detalhes que rodearam o momento, que poderiam ter comprometido o *timing* da finalização da peça.

A responsável pelo Departamento de Acção Social da AMI chegou às instalações da RTP Porto, onde ia decorrer a entrevista, trinta minutos depois do combinado. Ultrapassado o atraso, a assistente social não quis ficar no exterior das instalações, onde todo o equipamento técnico já estava preparado para a entrevista. Já no interior do edifício, e embora o Jornal da Tarde começasse daí a uma hora, a representante da AMI pediu ainda para ser maquilhada, dizendo ter sido apanhada desprevenida, e não querendo dar a cara publicamente em tais condições.

Tendo eu concordado com tudo, ainda que a contragosto, senti posteriormente não ter assumido, na íntegra, o papel de condutora da entrevista, mas, ao invés, ter agido passivamente. Também o meu orientador me alertou, mais tarde, para as consequências que demoras semelhantes podem ter no alinhamento de um jornal televisivo.

Por experiência própria percebi, deste modo, como é depositada no jornalista uma confiança superior para que ultrapasse agilmente todos os obstáculos com que se depara e, assim, concretize os objectivos em tempo útil. Mediante determinados condicionamentos, nomeadamente em relação às fontes, o repórter deverá pôr à prova um ‘jogo de cintura’ que lhe permita contornar os entraves da forma mais cordial possível, o que poderá significar ter de contrariar a fonte, com a devida diplomacia.

III.5. O meu jornal televisivo

No último dia de estágio na RTP, reuni os trabalhos que tinha vindo a desenvolver numa simulação de telejornal, em que eu, *pivot*, lancei algumas das minhas próprias peças [Anexo 7]. No estúdio virtual das instalações do Monte da Virgem comecei por me ambientar aos meios técnicos e humanos que a emissão de um jornal televisivo requer. Guiada pelo meu orientador, *pivot* há 20 anos, adaptei-me a todo o espaço físico que me rodeava: à cadeira e à mesa, às duas câmaras para que olharia e ao mecanismo com que controlaria a velocidade do teleponto.

Num primeiro impacto, ser a apresentadora das notícias marcou-me por envolver uma exigente coordenação de sentidos. A postura deve manter-se firme, balanceada com uma expressão facial que reconforte e não intimide os telespectadores; a leitura deve ser a mais fluida e natural possível, enquanto os pés fazem correr o texto no teleponto. Todo este processo é mediado por um contacto constante com o realizador que, através do auricular, vai dando indicações a partir da *régie*.

Se a figura do *pivot* desperta uma grande curiosidade na população em geral e funciona como aliciante para alguns aspirantes a jornalistas, a exigência da rotina destes profissionais passa, por vezes, despercebida. Trata-se de uma categoria profissional em que, pela visibilidade que tem e consequente escrutínio que acarreta, nada pode ser descurado.

Por darem a cara pela informação de um canal, os *pivots* têm responsabilidades acrescidas na condução do jornal. Devem dominar todos os assuntos com uma profundidade tal, que lhes permita dar resposta ao leque de tarefas que lhes são confiadas – desde fazer entrevistas sobre os temas do dia, a saber lidar com a imprevisibilidade. Quando o teleponto falha, quando alguma peça não está pronta a tempo, quando surge uma notícia de última hora pouco desenvolvida ou quando qualquer outro contratempo surge, é sobre o *pivot* que recai a responsabilidade de assegurar a emissão.

Por outro lado, o quotidiano de um *pivot* vê-se, à semelhança do dos jornalistas do Internacional, confinado à realidade física da redacção. Todos os apresentadores de

notícias com quem contactei lamentavam o facto de não fazerem reportagens, e confessavam a falta que as saídas para o terreno lhes faziam.

A apresentação do telejornal veio fechar um ciclo do meu percurso, o primeiro no capítulo profissional. Serviu-me de apreciação à evolução que fui traçando, permitiu-me desfrutar simbolicamente da posição de *pivot* e fez com que me apoiasse nos ensinamentos do meu orientador mais do que nunca, para que aquele trabalho perdurasse no tempo como o culminar de um processo construído com sucesso.

CONCLUSÃO

O estágio que desenvolvi entre Setembro e Dezembro de 2010 pretendeu encerrar o segundo ciclo de estudos do meu percurso académico. Num exercício retrospectivo sobre os três meses vividos enquanto estagiária, realço o facto de ter optado por terminar o Mestrado com uma experiência de âmbito profissional.

O período que passei na RTP permitiu-me pôr ao serviço da prática o saber adquirido curricularmente. Partindo dos episódios vividos no terreno, procurei exercitar sempre um espírito crítico capaz de me fazer questionar as práticas jornalísticas, confirmando ou infirmando teorias.

Integrar-me numa equipa que faz um produto líder de audiências requereu um esforço acrescido da minha parte, pois cedo percebi como seria fácil deixar-me fascinar pela profissão, e até deslumbrar-me com a empresa de acolhimento. Só mediante um exercício de abstracção consegui manter aceso o sentido crítico, capaz de me fazer pensar o jornalismo, mesmo face aos apelos fascinantes do ofício.

Pela missão de levar o mundo até ao espectador; pela nobreza de perseguir a verdade em prol de um conhecimento público; pela capacidade de descortinar, de explorar e de verificar; pelo desafio de fazer depender o sucesso do trabalho do bom funcionamento em equipa; pela adrenalina de chegar à redacção e montar a peça contra o tempo, que não pára; pelo poder de chegar à esfera pública como a voz da credibilidade, o jornalismo é, quanto a mim, uma actividade aliciante. Como sintetiza Nelson Traquina, jornalismo “é a vida, em todas as suas dimensões” (2002: 9).

Pelos desafios constantes que impõe, o mundo do jornalismo é, permito-me afirmar na conclusão desta experiência, um mundo crítico, mas apaixonante. Neste sentido, a opção de terminar o Mestrado com um estágio trouxe-me, também, a mais-valia de passar por um período experimental, antes de me lançar no mercado de trabalho.

Cheguei à RTP, enquanto estagiária, com a expectativa de poder desempenhar as funções de uma repórter em toda a plenitude. Confrontei-me, no entanto, com as normas da empresa relativas ao acompanhamento de estagiários, que determinaram a

impossibilidade de concretizar esse desejo. A natureza do estágio remeteu-me para uma posição de que tive de aprender a tirar partido – a de observadora.

Para impor o meu espaço na redacção, vi-me obrigada a reprimir a frustração de não contactar com fontes, ou o desapontamento de não poder trabalhar peças para exibição. A política de estágios em que me inseri fez-me perceber que, só adoptando uma atitude pró-activa, eu poderia tirar proveito daqueles meses de formação.

No final do estágio, ficou a consciência de não me ter envolvido na interacção jornalística desejada, mas, por outro lado, ficou também a certeza de estar mais bem preparada para enfrentar futuros desafios jornalísticos. Numa análise objectiva, fica o reconhecimento de que eu não teria sabido, à data, lidar habilmente com uma fonte enganadora, ou tão pouco conseguido cumprir escrupulosamente *deadlines* com que me deparasse.

O tempo que me foi proporcionado para reflectir sobre todos os obstáculos que se levantam à prática do jornalismo, assim como para construir as minhas peças, deu-me a oportunidade de errar, de falhar e de refazer, o que, de outro modo, se poderia ter revelado comprometedor.

O quotidiano vivido no Monte da Virgem levou-me mais longe ainda, permitindo-me perceber que também numa empresa com a história da RTP se falha, que também os jornalistas experimentados erram, e que nem sempre as práticas jornalísticas são lineares como aparentam. À luz desse espaço de reflexão, procurei analisar algumas especificidades do jornalismo televisivo, avaliar de que forma os jornalistas se relacionam com os pares e com as fontes, e perceber qual a função que as notícias devem desempenhar.

Na RTP descolei-me do papel de aluna e de telespectadora, para passar a ver o jornalismo de outra perspectiva. Ver como tudo se processa a partir de dentro conferiu-me outra percepção dos constrangimentos pessoais e profissionais que recaem sobre os jornalistas e que, em última análise, se repercutem no produto noticioso que chega ao pequeno ecrã.

Apesar de todas as limitações que encontrei, os três meses de estágio representaram uma experiência enriquecedora no meu percurso. No final, fica a sensação de que todo o tempo do mundo seria insuficiente para fruir desta etapa na sua plenitude e de que, quantas mais entrevistas para o Jornal da Tarde fizesse a partir de

então, melhores seriam os resultados. Por outro lado, fica a certeza gratificante de saber que são essas entrevistas que desejo poder continuar a fazer, porque, confirmei: é naquele cenário de “tensão constante entre o caos e a ordem, a incerteza e a rotina, a criatividade e o constrangimento, o agora ou o nunca” (Traquina, 1999: 13) que me quero mover.

BIBLIOGRAFIA / REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bourdieu, Pierre, 2005, *Sobre a Televisão* (trad. Miguel Serras Pereira), Oeiras, Celta Editora;

Breed, Warren, “Controlo social na redacção. Uma análise funcional”, in Traquina, Nelson (org), 1999, *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, col. Comunicação & Linguagens, Lisboa, ed. Veja;

Cornu, Daniel, 1994, *Jornalismo e Verdade. Para uma Ética da Informação* (trad. Armando Pereira da Silva), col. Espistemologia e Sociedade, Lisboa, Instituto Piaget;

Godinho, Jacinto, 2004, *Genealogias da Reportagem. Do conceito de reportagem ao caso Grande Reportagem, programa da RTP (1981-1984)*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa. Tese de Doutoramento;

Kovach, Bill, Rosenstiel, Tom, 2004, *Os Elementos do Jornalismo. O que os Profissionais do Jornalismo devem Saber e o Público Exigir*, Porto Editora;

Kovach, Bill, Rosenstiel, Tom, 2010, *Blur. How to know what's true in the age of information overload*, Nova Iorque, Bloomsbury USA;

Molotch, Harvey, Lester, Marilyn, “As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos”, *in* Traquina, Nelson (org), 1999, *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, col. Comunicação & Linguagens, Lisboa, ed. Veja;

Schlesinger, Philip, “Os jornalistas e a sua máquina do tempo”, *in* Traquina, Nelson (org), 1999, *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, col. Comunicação & Linguagens, Lisboa, ed. Veja;

Soloski, John, “O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico”, *in* Traquina, Nelson (org), 1999, *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, col. Comunicação & Linguagens, Lisboa, ed. Veja;

Traquina, Nelson, 1997, *Big Show Media – viagem pelo mundo do audiovisual português*, col. Media e Sociedade, Lisboa, Editorial Notícias;

Traquina, Nelson (org), 1999, *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, col. Comunicação & Linguagens, Lisboa, ed. Veja;

Traquina, Nelson, 2002, *O que é Jornalismo*, col. «O que é», Quimera Editores.

WEBGRAFIA

“Audiências dos Jornais à hora de almoço”, *in Marktest*, 14 de Janeiro de 2011, <<http://www.marktest.com/wap/b/n/id~2f9.aspx>>, consultado em Setembro de 2011;

“Código Deontológico dos Jornalistas.”, *O Sindicato dos Jornalistas*, 1993, <<http://www.jornalistas.online.pt/noticia.asp?id=24&idselect=369&idCanal=369&p=368>>, consultado em Março de 2011;

Teves, Vasco Hogan, 2007, RTP 50 anos de história, *in RTP*, <<http://213.58.135.110/50anos/50Anos/Livro/>>, consultado em Março de 2011.

GLOSSÁRIO

Editor executivo de informação- Profissional que, na RTP, estabelece uma ponte de comunicação entre a direcção da empresa e as redacções televisivas do grupo, responsável por aplicar às redacções as decisões da chefia.

Gatekeeping- Processo de decisão operado pelo jornalista, o *gatekeeper*, a quem cabe filtrar, por entre um fluxo de possíveis notícias, aquelas que passam por vários portões (*gates*) até chegarem às páginas de jornais ou tempos de antena televisivos ou radiofónicos, seleccionando assim as notícias que vão chegar de facto ao domínio público

Infografistas- Profissionais a quem compete a inserção de frases, títulos, nomes dos protagonistas e respectivas funções desempenhadas nas peças jornalísticas dos jornais informativos. As inscrições, vulgarmente denominadas *oráculos*, são originalmente criadas pelos jornalistas autores das peças e posteriormente colocadas, sob a orientação do realizador, pelos técnicos insersores de caracteres.

Régie- Centro de controlo de programas emitidos em directo ou gravados em tempo real. A *régie* é coordenada por um realizador, que tem a seu cargo a disposição das câmaras no estúdio de emissão ou gravação, bem como a responsabilidade directa pela definição dos enquadramentos dos planos. Todas as funções da *régie* dependem directamente do realizador, ainda que o grau de especificidade de algumas delas (operadores de áudio, controlo de imagem, grafismo, técnicos de informática) dote os protagonistas com um elevado grau de autonomia.

Técnicos de grafismo- Profissionais criativos responsáveis pela concepção de gráficos e infografias que integram as peças jornalísticas, bem como pela criação de genéricos e fichas técnicas nas reportagens mais alargadas.

Vivo- Termo que designa o registo de um entrevistado numa peça. Nas redacções jornalísticas, o termo é igualmente utilizado para referenciar a introdução do depoimento do jornalista na peça que está a tratar. Os vivos do jornalista podem integrar-se na entrada, a meio ou na conclusão da peça. Em qualquer dos casos, o vivo substitui a imagem – ou por esta não poder ser captada, ou por o jornalista entender que deve assumir a descrição de determinada realidade.

Vox Pop- Entrevistas de rua em que se questionam cidadãos anónimos, aleatoriamente, sobre um determinado tema.